

PAZ: Itinerário franciscano, tarefa de todos

Prof. Dr. Frei Nilo Agostini, ofm¹

Texto publicado em *Grande Sinal*, Petrópolis RJ, v. 59, n. 5, p. 517-529, 2005.

No dia 27 de outubro de 1986 e, posteriormente, nos dias 9 e 10 de janeiro de 1993, o Papa João Paulo II encontrou-se em Assis com líderes de outras Igrejas cristãs e de outras religiões do mundo para rezar pela paz. Quis fazê-lo em torno das figuras de Francisco e Clara, evocando o “espírito de Assis”. Evocando São Francisco, eis o que o Papa afirmava:

“Escolhi esta cidade de Assis para o nosso Dia de oração pela paz, por causa do particular significado do santo homem aqui venerado – São Francisco – conhecido e venerado no mundo inteiro como símbolo da paz, de reconciliação e de fraternidade”².

O “espírito de Assis” remete-nos às figuras de Clara e Francisco, cuja mensagem de vida abrem um itinerário seguro e eficaz para a busca da paz e da fraternidade entre os cristãos, entre os homens e mulheres de todas as religiões, enfim entre todos os povos. Nós franciscanos e franciscanas temos a missão de relançar sempre de novo este mesmo espírito³.

¹ Frei Nilo Agostini, frade da Província Franciscana da Imaculada Conceição do Brasil, é doutor em Teologia pela Universidade de Ciências Humanas de Strasbourg, França. Professor de Teologia Moral. Tem ampla publicação (12 livros e dezenas de artigos). Seus dois últimos livros, lançados pela Editora Vozes, de Petrópolis, RJ, são: *Moral Cristã: temas para o dia-a-dia – Nesta hora da graça de Deus*, já na segunda edição, e *Introdução à Teologia Moral: O grande sim de Deus à vida*.

² JOÃO PAULO II, *Compromisso com a paz no mundo*, mensagem de acolhida em Santa Maria dos Anjos, 27/10/1986, in PINTARELLI, Frei Ary E. (org.), *O Espírito de Assis*, Petrópolis, Editora Vozes, 1996, p. 24.

³ Veja alguns textos que nos convidam a relançar e cultivar o “espírito de paz”: OFM, *O Senhor te dê a paz*, Capítulum Generale Assisi, 2003; TAPIA, Vicente Felipe; MONTES, Jesús Sanz, *Celebraciones Franciscanas por la paz*, colección Hermano Francisco n° 20, Madrid, Centro Franciscano/Editorial Franciscana Aranzazu, 1988; POLIDORO, GianMaria, *Il saluto rivelato a Francesco*, Assisi, Edizioni Porziuncola, 2002; MOVIMENTO FRANCESCANO ITALIANO, *Il Signore ti dia pace*, Sussidio 3/Veglia di preghiera 15, Roma, Mofra, 2002; POLIDORO, GianMaria, MARZAROLI, Davide, *Pace com il creato: Discorso Cristiano sull'ecologia*, collana Suggestimenti, Assisi, Edizioni Porziuncola, 1996; CONFERENZA DELLA FAMIGLIA FRANCESCANO (CFF), *Lettera della Conferenza della Famiglia Franciscana in occasione Del X anniversario della giornata di preghiera per la pace ad Assisi*, Roma, CFF, 1996; MESTRE RUFINO, *O Bem da Paz*, Petrópolis, Editora Vozes, 1998.

Qual será o itinerário a ser trilhado para realizar tal feito? Qual a inspiração que brota de Clara e Francisco? Como a “escola franciscana” delinea o itinerário da paz? Qual a convocação que nos vem da Igreja, hoje, sobretudo de seu ensino social? Eis os passos que daremos neste texto.

1. Clara e Francisco

A partir de Clara e Francisco, o franciscanismo captou com clareza três desafios, que hoje são assim expressos: justiça, paz e salvaguarda da criação. Estes desafios, se assumidos, são garantia de qualidade de vida e da sobrevivência de nosso planeta. Justiça vai rimar com solidariedade. Ambas requerem fraternidade. Mergulhamos, assim, na característica fundamental da *forma de vida* de Francisco e Clara, sendo este o seu testemunho original.

“Vocês são todos irmãos”, dir-nos-iam, hoje, Clara e Francisco, não como resposta simplória, mas como resposta ao Evangelho, no seguimento de Jesus Cristo. Trata-se “de uma resposta altamente dinâmica e construtiva, como demonstrou a incidência eclesial e social do testemunho de Francisco e Clara, que quiseram ser, para todos e sempre, um verdadeiro irmão e uma verdadeira irmã”⁴.

“É necessário redescobrir a inscrição divina de Francisco e Clara”, dizia João Paulo II em 1982 em Assis. Em 1993, enfatizava o Papa, também em Assis: “Francisco e Clara. Dois nomes, duas vocações, que evocam os valores evangélicos da pobreza, da pureza, da amizade espiritual, da oração e da paz”. Portanto, juntos, Clara e Francisco, são lições de vida e ilustram uma pedagogia da paz. O *andar* de Francisco e dos seus frades e o *fixar-se* de Clara e de suas co-irmãs exprimem o ideal primitivo que se traduz tanto na itinerância contemplativa quanto na contemplação itinerante.

Esta itinerância contemplativa nos convida a estar na ausculta do “Espírito do Senhor e o seu santo modo de operar” (RegB 10,9). O caráter itinerante de nossa fraternidade, como peregrinos e viandantes (RegB 6,2), requer que saibamos apreender a *presença secreta de Deus*, contemplar os *sinais do Espírito*, discernir as *sementes do Verbo*, no tempo e nos espaço em que nos encontramos. A qualidade evangélica de vida e todo o nosso itinerário vão depender muito dessa *respeitosa ausculta* da revelação de Deus que se dá tanto no “espelho” das criaturas quanto nos seus “desígnios” e “sinais” no seio da história humana, sobretudo na presença de cada irmão e irmã.

⁴ PERUGINI, Luigi, *In fraternità per evangelizzare*, Roma, Conferenza Ministri Provinciali OFM d'Italia, 1995, p. 132.

Conseqüentemente, Francisco e Clara constituem-se em modelos para sermos instrumentos de paz, de reconciliação e de fraternidade. Tornaram-se, assim, “símbolos” da paz. Voltando-nos em direção de Assis, “encontramos uma forma peculiar de conversão ao seguimento de Cristo e um exemplo para as nossas lutas e nossas esperanças”⁵. Ao concluir o dia Mundial de Oração pela Paz em Assis, no dia 27 de outubro de 1986, o Papa João Paulo II assim se expressava:

Movidos pelo exemplo de São Francisco e de Santa Clara, verdadeiros discípulos de Cristo, e convencidos da experiência deste dia que vivemos juntos, comprometemo-nos a reexaminar nossas consciências, a escutar mais fielmente a sua voz, a purificar os nossos espíritos do preconceito, do ódio, da inimizade, do avidez e da inveja. Procuraremos ser operadores de paz no pensamento e na ação, com a mente e com o coração voltados para a unidade da família. E convidamos os nossos irmãos e irmãs que nos ouvem a fazerem o mesmo”⁶.

Com Clara e Francisco, delineia-se um itinerário que cria uma mentalidade e uma cultura da paz. Ambos fazem a síntese da “saída do mundo” e da “presença ativa no mundo”, num enraizamento em Deus e num enraizamento no coração do mundo concomitantemente. Na abertura do ano clariano, escreve o Papa: “A vida de Clara não foi uma vida eremítica, mesmo se no claustro”. Dizem as Fontes: “Clara se escondia, mas a sua vida era notada por todos. Clara calava, mas a sua fama gritava”. Espelho do Evangelho, sua fama era um grito, apontando para Cristo. Enfim, o fascínio de Clara e Francisco reside no fato de ambos terem escolhido viver segundo o santo Evangelho.

Nos louvores a Deus altíssimo, Francisco proclama: “Tu és a paz”. Por outro lado, “não há paz sem oração”⁷. Francisco e Clara não são tanto pessoas de oração, mas pessoas “feitas oração”. Eis a novidade de seu testemunho. Pessoas feitas oração, pobres, livres, transparentes para viver o Evangelho de Nosso Senhor Jesus Cristo, numa pobreza evangélica, que é fonte de paz. “Esta pobreza evangélica constitui uma fonte de paz, porque graças a ela a pessoa pode instaurar uma justa relação com Deus, com os outros e com a criação”⁸.

A vida em fraternidade vem completar aqui o quadro dos valores de Francisco e Clara. Ela é o princípio inspirador de todas as escolhas e a modalidade relacional com os outros/as e com todas as criaturas.

⁵ *Ibidem*, p. 133.

⁶ JOÃO PAULO II, *Construtores da paz*, discurso na praça inferior da Basílica de São Francisco, in PINTARELLI, Frei Ary E. (org.), *op. cit.*, p. 34.

⁷ IDEM, *Francisco e Clara, dois nomes que evocam pobreza, paz e oração*, Encontro com as clarissas e religiosas na Basílica de Santa Clara, no dia 10 de janeiro de 1993, in PINTARELLI, Frei Ary E. (org.), *op. cit.*, p. 98.

⁸ IDEM, *ibidem*, p. 98.

“A fraternidade passa a ser identificada como o lugar de cultivo deste carisma de São Francisco [e de Santa Clara], tornando-se a base de uma revolução do *ser autêntico, simples e pobre*, sem duplicidades e, por isso, sempre disponível. Assim, a fraternidade é o lugar de uma riqueza profética e de um sinal escatológico. Por sua forma de vida, torna-se o lugar de acolhimento das ‘palavras de Nosso Senhor Jesus Cristo, que é a Palavra do Pai, bem como das palavras do Espírito Santo, que são espírito e vida’ (2CFi 3; Adm 7,4; Test 13). Sente-se, então, enviada ao mundo como *fraternidade evangelizadora*, vivendo e anunciando o Evangelho, no seguimento de Jesus Cristo, por uma vida de pobreza, sob a inspiração do Espírito Santo, irmanada a todas as criaturas”⁹.

Com Francisco e Clara, temos o salto qualitativo que torna possível o surgimento de uma “civilização do amor”. Temos neles a coragem de ser pobres, de ser livres; encontramos neles a audácia da fraternidade, refundando as relações com os outros e com todas as criaturas.

2. Antônio de Lisboa

Para o primeiro teólogo franciscano, a paz adquire uma significação antropológica, moral e metafísica¹⁰. Na verdade, Santo Antônio deixa entrever uma concepção global da paz, que se desenvolve em três planos distintos, porém relacionados. Parte da *consciência do ser humano* (sendo importante este “sacrário do humano”, foro íntimo da alma), para abordar, em seguida, a relação estabelecida entre o ser humano e Deus; finalmente, capta a dimensão social/relacional dos seres humanos entre si, quer enquanto comunidade quer enquanto povos distintos.

Santo Antônio vê que estas dimensões, na verdade, se interpenetram, numa recíproca relação de causalidade, para concluir que a concórdia, o bom entendimento e amor humanos geram a paz. E muitos são os frutos desta paz, constituindo o verdadeiro bem. Assim, a *paz* e o *bem* criam um universo coeso, pois se enraízam na vivência do Evangelho.

Ao comentar Is 32,17, “o fruto da justiça será a paz, e a obra da justiça será a tranqüilidade e a segurança para sempre”, o santo português afirma: “A obra da justiça, a obra daqueles que pela graça já se encontram justificados, é a paz”¹¹. Em Antônio de Lisboa ou Pádua, o plano teológico requer o ético. Assim, a paz tem sua fonte em Deus,

⁹ SCHALÜCK, Hermann, “*Encher a terra com o Evangelho de Cristo*”, Roma, OFM, 1996, n. 72.

¹⁰ Cf. CAIEIRO, Francisco da Gama, Santo António e a Paz, em VÁRIOS AUTORES, *Francisco de Assis, nosso Irmão: Problemas de Ontem e de Hoje*, Braga, Editorial Franciscana, 1995, p. 112-129.

¹¹ Cf. *ibidem*, p. 118.

mas necessita expressar-se no Bem, interligando Deus, o homem e o mundo. “A paz, não obstante a sua procedência divina, situa-se e radica-se num horizonte humano, desenvolve-se na esfera da consciência”¹².

Em Jesus, encontramos vida e paz, que precisam ser concretizadas; isso se dá à medida que é fruto da “conjugação harmoniosa do composto humano, ‘na tranqüila coabitação do espírito e do corpo’, do justo que ‘mora em paz consigo próprio’”¹³. Em Santo Antônio, a paz é igualmente compreendida no contexto da Encarnação do Verbo divino, daquele que “estabeleceu a paz em tuas fronteiras”, fonte de Vida, sendo a paz ligada à própria idéia de Vida.

“Aprende, ó homem, a amar a Jesus, e então aprenderás onde está a sabedoria, etc. Ele mesmo é a sabedoria...; Ele mesmo é a prudência...; Ele mesmo é a força...; Nele mesmo há a inteligência de todas as coisas...; Ele mesmo é a Vida...; Ele mesmo é a luz dos olhos...; Ele mesmo é a nossa paz...”¹⁴.

“Ó homem, aprende esta sabedoria, para que saboreies; ... esta prudência, para que te acauteles; ... esta inteligência, para que conheças; esta vida para que vivas; ... esta luz, para que vejas; esta paz, para que descanses”¹⁵.

A paz, na concepção antoniana, corresponde a um fruto da sabedoria. Esta não é fruto de conhecimentos literários. “O pensador chega a *saber*, mas isto ainda não é tudo, porque não basta saber, é preciso também *conhecer*, e o *conhecimento* apenas se alcança quando se tenha *experimentado* o que se conseguiu *saber*. No exemplo em apreço, devia a *ciência* alcançada ser sempre completada com a prática, porque antes disso não havia conhecimento. Neste passo, o Santo corrobora uma vez mais a importância do senti ético: o saber consiste em praticar, conduz a um agir”¹⁶. Vê-se aqui em que nível a paz deve ser instaurada.

3. Boaventura

O mais medieval dos pensadores medievais, São Boaventura, capta a questão da paz, enraizando-a, por um lado, nos valores evangélicos e, por outro lado, enquadrando-a na grande tradição filosófica do Ocidente. Para o Doutor Seráfico, a paz deve ser buscada

¹² *Ibidem*, p. 121.

¹³ Cf. *ibidem*.

¹⁴ SANTO ANTÔNIO, citado por CAIEIRO, Francisco da Gama, *op. cit.* p. 124-125.

¹⁵ *Idem, ibidem*, p. 125

¹⁶ CAIEIRO, Francisco da Gama, *op. cit.*, p. 127.

“enraizando-se no solo firme da realidade, designadamente no lastro da natureza humana e na sua constitutiva relação com o mundo e com Deus”¹⁷.

“A paz não é aí encarada negativamente, em termos de solução de guerra, mas antes identificada com uma veemente exortação à vida, de modo a extrair desta todas as virtualidades e referências possíveis. A guerra surgirá sempre que a existência se paralisa em fragmentos mesquinhos e provisórios, mas arvorados em absolutos. O grande atentado contra a paz é a infidelidade à vida”¹⁸.

Numa visão simultaneamente individual e universal, o Doutor Seráfico “não vê o ser humano na imutabilidade de uma essência, mas no devir ordenado e inteligível de um processo, mais compreensível pela sucessão de estados do que pela estabilidade de uma substância”¹⁹. A visão de Boaventura é sempre de articulação, por exemplo, entre natureza e cultura, sendo capaz de integrar todas as aquisições positivas para a vida humana. Do Homem, Mundo e Deus não se pode falar avulsamente ou desarticuladamente. “No que ao homem se refere, não é possível tratar de paz sem a referência ao mundo e a Deus, pois, dissociar o ser humano da instância deste provoca a inevitável contracção da humanidade”²⁰.

“Deste modo, a natureza humana realizar-se-á, não mediante o desenvolvimento fechado e exclusivo das suas virtualidades, que não passariam de um artifício e duma abstracção, ou mesmo em contrate com as demais naturezas, mas em relação vital e constitutiva com toda a realidade”²¹.

Com isso, São Boaventura combate as tendências maniqueístas da época. “Boaventura é um homem que se sente não dividido, não amputado, mas reconciliado com tudo e com todos, numa palavra, em paz, dado que só a esse nível ela encontra o seu genuíno sentido. Não há paz em parcelas do homem e não há paz no homem se parceladamente encarado, fora da sua constitutiva articulação com todo o resto”²².

Boaventura saboreia os valores das criaturas, realça a validade do mundo, sabe que a paz requer a dignificação da passagem pelo mundo. Porém, aponta para uma ascensão na direção de Deus, sendo que n’Ele repousa a felicidade e a paz. “Boaventura declaradamente nos adverte da impossibilidade de o homem realizar a sua felicidade, se contar apenas com o desenvolvimento das suas virtualidade, sejam elas as mais preciosas, as interiores”²³.

¹⁷ Cf. *ibidem*, p. 131.

¹⁸ *Ibidem*, p. 131-132.

¹⁹ *Ibidem*, p. 132.

²⁰ *Ibidem*, p. 134.

²¹ *Ibidem*, p. 135.

²² *Ibidem*, p. 135-136.

²³ *Ibidem*, p. 139.

Entendemos, então, que o Doutor Seráfico se ocupe do itinerário para Deus, cujos atributos nos fazem perceber que se trata de um “Deus dinâmico, menos intelectualizado, capaz de se aproximar dos homens sem diminuir a Sua transcendência”²⁴. O homem, imagem e semelhança de Deus, dá-se conta da insubstituível relação com Deus. No macrocosmo, vislumbra o vestígio de Deus, o reflexo de Deus. No ser humano, identifica a imagem de Deus.

Em São Boaventura, temos a idéia da paz como fruto do desenvolvimento, total, ontológico, ordenado, como estrutura fundamental de toda a realidade. Esta paz é um itinerário, com suas ascensões - *scalae*. Importa que o ser humano não ceda ante os deslizes dos reducionismos do mundo e de si mesmo. Igualmente, é preciso não ceder ao irracional, nem à anulação do diverso ou da diferença, nem aquela entre o humano e o divino.

“A noção bonaventuriana de paz é sumamente exigente, na medida em que mobiliza o homem todo, até à sua expressão transcendente, mas que nem por isso atinge situações de inviabilidade e de desespero, porque crê na força na inteligência humana, na capacidade de decisão das pessoas, enfrentando todas as tentações de fatalismo, e no facto de Deus querer a paz para o homem, já que não o criou para a guerra”²⁵.

4. A paz, dom de Deus, tarefa do ser humano

Hoje, em meio aos muitos conflitos, o valor da paz ressurgiu com toda força. Tem reconhecimento universal “como um dos valores mais altos que temos que buscar e defender”²⁶. A grande ameaça à paz é a tentativa de uns se sobreporem aos outros, até criarem blocos que dividem o mundo. Muito se tem falado, após a Segunda Guerra Mundial, do confronto Leste-Oeste, quando grupos de nações se opunham por ideologias políticas e econômicas. Porém, João Paulo II soube identificar um conflito mais contundente e real, que está engravado nas relações Norte-Sul. Assim tem-se expressado o Papa:

“Trata-se o contraste crescente entre os países que tiveram a possibilidade de acelerar seu desenvolvimento e de fazer crescer suas riquezas e os países bloqueados em seu subdesenvolvimento. Precisamente aqui está outra enorme fonte de oposição, de irritação, de rebelião ou de medo, tais mais porque está alimentada por múltiplas injustiças”²⁷.

²⁴ *Ibidem*, p. 141.

²⁵ *Ibidem*, p. 149.

²⁶ JOÃO PAULO II, *Mensagem para a celebração do dia mundial da paz*, 1º de janeiro de 1993.

²⁷ IDEM, *Mensagem para a celebração do dia mundial da paz*, 1º de janeiro de 1984.

Neste caso, salta aos olhos o fosso existente entre riqueza e pobreza, entre superabundância e privação/miséria. João Paulo II não teve dúvidas, inclusive, de detectar o seguinte:

“Os países subdesenvolvidos, em vez de transformar-se em nações autônomas, preocupadas com sua própria marcha em direção à justa participação nos bens e serviços destinados a todos, convertem-se em peças de um mecanismo e de uma engrenagem gigantesca”²⁸.

Na entrada para o terceiro milênio, somos testemunhas de muitos tipos de conflitos que se engalfinham em guerras violentas, terrorismo constante, nos níveis local e internacional. A paz continua precária²⁹. Injustiças, mortes, ruínas, medo, violação dos direitos humanos, redução da liberdade, aprisionamentos arbitrários, opressões as mais diversas, visões fundamentalistas, fome, enfermidades, subdesenvolvimento se disseminam em nossos dias. Inflama-se “o antagonismo de interesses nacionais, de culturas e ideologias, pelas pretensões de um poço ou raça dominar o outro”³⁰.

Por outro lado, a paz não é simples ausência de guerra, nem o produto da vitória militar ou o resultado do equilíbrio de forças entre nações, muitos menos a consequência de uma hegemonia despótica de uns países sobre outros³¹. A paz é, antes de tudo, um dom de Deus que somos convidados a cultivar, transformando-se para nós numa tarefa. Importa desdobrar este dom, fazê-lo crescer em todos os recantos do mundo e no mais íntimo do ser humano. A paz sobre a terra deve ser cultivada à imagem da paz de Cristo, que nos reconciliou com o Pai e chama todo o gênero humano a formar um só corpo³².

A paz é fruto do cultivo do projeto que Deus tem em relação à humanidade; ela requer a “superação das causas da guerra e a autêntica reconciliação entre os povos”³³; requer “a obra da justiça” (Is 32,17). A paz tem por fundamento o amor, que “vai além da meta indicada pela justiça”³⁴.

²⁸ IDEM, *Carta encíclica Sollicitudo Rei Socialis*, col. Documentos Pontifícios n° 218, Petrópolis, Editora Vozes, 1988, n° 22, p. 36.

²⁹ IDEM, *Mensagem para a celebração do dia mundial da paz*, 1° de janeiro de 1984.

³⁰ IDEM, *Discurso à Corte Internacional de Justiça*, 13 de maio de 1985.

³¹ Cf. BRARDINELLI, R. L., GALAN, C. L., *Manual de Doutrina Social de la Iglesia*, Buenos Aires, Ediciones del Encuentro, 1993, p. 209.

³² CONCÍLIO VATICANO II, *Constituição pastoral Gaudium et Spes*, n° 78, in VIER, Frederico (coord.), *Compêndio do Vaticano II: constituições, decretos, declarações*, 22ª edição, Petrópolis, Editora Vozes, 1991, p. 238.

³³ JOÃO PAULO II, *Carta encíclica Centesimus Annus*, col. Documentos Pontifícios n° 241, Petrópolis, Editora Vozes, 1991, n° 18, p. 32.

³⁴ CONCÍLIO VATICANO II, *op. cit.*, n° 78, in VIER, Frederico (coord.), *op. cit.*, p. 237-238.

A paz é igualmente fruto da conversão pessoa. Nesta tônica, vão muitos pronunciamentos da Igreja. Na verdade, o nascedouro da guerra enraíza-se no *coração* humano. Quem mata é sempre o ser humano, não sua arma, mesmo seja a mais sofisticada. Quando dizemos *coração*, “em linguagem bíblica, é o mais profundo da pessoa humana, em sua relação com o bem e com o mal, com os outros e com Deus. Mais que seus sentimentos, trata-se de sua consciência, de suas convicções, do sistema de idéias em que se inspiram e das paixões que originam”³⁵.

Na vida em sociedade, três são as pilstras da paz: a justiça, o desenvolvimento e a solidariedade. Como já vimos, lemos em Is 32,17 que “a paz é obra da justiça”. João XXIII já dizia que as relações entre os Estados devem ser “reguladas pela justiça”, exclamando: “Esquecida a justiça, a que se reduzem os reinos senão a grandes latrocínios?”³⁶. João Paulo II, por sua vez, é enfático ao afirmar: “A paz se edifica sobre o fundamento da justiça”³⁷.

Esta paz deve ser realizada buscando o desenvolvimento que, no dizer do Papa Paulo VI, “é o novo nome da paz”³⁸. O desenvolvimento é visto como parte da vocação humana³⁹. Com inteligência, liberdade e ação, o ser humano sente-se impelido a crescer em humanidade, a ser mais⁴⁰. Para isso, faz-se necessário buscar os níveis de vida que garantam as necessidades vitais (alimentação, saúde, moradia, emprego, educação...), a promoção social, política e cultural que se funde no respeito de cada pessoa e do que é específica de cada povo, a escala de valores morais, sendo a abertura a Deus uma premissa indispensável, e a promoção do bem integral do ser humano, congregando a atividade material, econômica e social, acrescida do progresso na vida espiritual.

Tudo isto requer uma ação solidária, pois, no dizer de João Paulo II, “a solidariedade ajuda-nos a ver o ‘outro’ – *pessoa, povo ou nação* – não como um instrumento qualquer, de que se explora, a baixo preço, a capacidade de trabalho e a resistência física, para o abandonar quando já não serve; mas como um nosso semelhante, um auxílio (cf. Gn 2,18.20), que se há de tornar participante, como nós, no banquete da vida, para o qual todos os homens são igualmente convidados por Deus”⁴¹. Entendemos, então, que o Papa afirme que “a solidariedade é caminho para a paz”, que “a paz é o fruto

³⁵ BRARDINELLI, R. L., GALAN, C. L., *op. cit.*, p. 210.

³⁶ JOÃO XXIII, *Carta encíclica Pacem in Terris*, 6ª edição, col. Documentos Pontifícios n° 141, Petrópolis, Editora Vozes, 1977, n° 92, p. 27. A afirmação é originalmente de Santo Agostinho, *De civitate Dei*, lib. IV, c.4; PL 41, 115.

³⁷ JOÃO PAULO II, *Carta encíclica Centesimus Annus*, *op. cit.*, n° 5, p. 12.

³⁸ PAULO VI, *Carta encíclica Populorum Progressio*, 6ª edição, col. Documentos Pontifícios n 165, Petrópolis, Editora Vozes, 1969, n° 76, p. 39 (ver título do n° 76).

³⁹ Cf. *ibidem*, n° 15, p. 10.

⁴⁰ Cf. *ibidem*, n° 15, 20, 21, p. 10, 12, 13.

⁴¹ JOÃO PAULO II, *Carta encíclica Sollicitudo Rei Socialis*, *op. cit.*, n° 39, p. 70.

da solidariedade”⁴². À luz da fé, a solidariedade supera-se e chega a cultivar a gratuidade, o perdão e a reconciliação; vê em cada pessoa a *imagem viva* de Deus, resgatada por Jesus Cristo e objeto da ação do Espírito Santo⁴³. O limite é, então, “dar a vida pelos próprios irmãos” (cf. 1Jo 3,16).

5. Considerações finais

“Não te deixes vencer pelo mal; vence ante o mal com o bem”. Assim inicia a mensagem de João Paulo II para a celebração do dia mundial da paz de 1º de janeiro de 2005, lembrando a exortação de São Paulo na Carta aos Romanos (cf. Rm 12, 21). Com esta passagem, o Papa quer nos lembrar que o mal não se derrota com o mal e que “a paz é o resultado de uma longa e árdua batalha, vencida quando o mal é derrotado com o bem”. A paz cultiva o bem das pessoas, das famílias, das comunidades, da sociedade e de todas as nações. A humanidade só tem a crescer com esta postura.

Cabe à liberdade humana responder responsabilmente em favor do bem e da paz. Isto implica em responsabilidades concretas, que devem lastrear as relações fundamentais da pessoa com Deus, com os outros, consigo mesma, com a criação. Tendo o amor como nascedouro, o bem desdobra-se em múltiplas atitudes nobres e desinteressadas em favor da vida de todos, dedicando uma atenção particular ao bem comum. Esta atenção necessita ter presente as vertentes sociais e políticas, bem como as implicações éticas do uso dos bens da terra. Agrega-se, com clareza, o respeito devido à natureza, superando a desordenada exploração dos seus recursos, com a conseqüente deterioração da qualidade de vida⁴⁴.

Neste empenho, como está no objetivo geral da Campanha da Fraternidade Ecumênica de 2005, importa “unir Igrejas cristãs e pessoas de boa vontade na superação da violência, promovendo a solidariedade e a construção de uma cultura de paz”. Sabemos, no entanto, que a paz não é um projeto particular nem exclusivo de Igrejas; é convocação para toda a humanidade. Porém, como pessoas, comunidades, Igrejas, sociedade, importa estarmos sempre prontos para semear a paz, cultivando-a em opções concretas e em práticas cotidianas, na alegria de quem se sente cativado por Jesus Cristo que vem trazer vida para todos, vida em plenitude (cf. Jo 10,10).

⁴² *Ibidem*, n° 39, p. 71.

⁴³ Cf. *ibidem*, n° 40, p. 72.

⁴⁴ JOÃO PAULO II, *Mensagem para a celebração do dia mundial da paz*, 1º de janeiro de 1990.